

ANARQUISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO. O GRUPO DO JORNAL ANARQUISTA "LA BATTAGLIA" E A SUA VISÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA: O EMBATE ENTRE IMAGINÁRIOS LIBERTÁRIOS E ETNOCÊNTRICOS.¹

LUIGI BIONDI

"**M**a qui siamo in Brasile, e val meglio *calar-se, carcamano, figlio da puta*, se non vogliamo sentirci brontolar dietro le orecchie: *carcamano e figlio da puta!*"

La Battaglia, n. 60, 17-12-1905.

O periódico anarquista escrito em língua italiana, *La Battaglia*, publicado em São Paulo, foi fundado pelo anarquista toscano Oreste Ristori (1874-1943), em junho de 1904. A ele, que chegou em São Paulo - onde a comunidade de anarquistas de origem italiana era bem ampla - em março de 1904, juntou-se em outubro, para formar um grupo redator inicial, Alessandro Cerchiai, chegado ao Brasil em 1901. Outro importante colaborador será Angelo Bandoni, que, todavia, participará da redação do jornal com uma certa descontinuidade, enquanto bem mais importante será o trabalho desenvolvido no *La Battaglia* por Gigi Damiani que, inicialmente, mandou seus artigos do Paraná, e, a partir do início de 1909,

¹ Este artigo corresponde, com alguns necessários mas não significativos cortes, ao Capítulo 1 da Parte Terceira da minha Tesi di Laurea "*La stampa anarchica italiana in Brasile. 1904-1915*", Università degli studi di Roma "La Sapienza", Roma, 1994 - cuja pesquisa foi realizada a partir das cópias originais conservadas no Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. O artigo foi traduzido pelo próprio autor, com a gentil revisão de Edilene Toledo. Também as citações dos artigos do jornal *La Battaglia*, presentes neste artigo, foram traduzidas do italiano pelo autor.

estará na redação, em São Paulo, até substituir Ristori na direção em 1912. A importância deste semanário de quatro páginas reside, primeiro, no fato de ele ter sido publicado ininterruptamente todas as semanas, durante 9 anos, até agosto de 1913, embora tivesse mudado de nome, em setembro de 1912, para *La Barricata*. Esse relativo sucesso está bem demonstrado pela tiragem que chegou, em alguns anos, a 5.000 cópias semanais, e foi favorecido por ser um jornal anarquista que funcionava também como espaço de discussão entre todas as tendências libertárias presentes em São Paulo, e com os grupos socialistas e de sindicalistas italianos. Embora com uma posição oficial anti-organizacionista, isto é, contra as greves parciais e gerais - ao menos que não se transformassem em insurreição, segundo uma visão de Errico Malatesta - o *La Battaglia* sempre ficou em primeira linha durante as greves em São Paulo, dando abrigo aos líderes sindicais nos momentos de desarticulação das ligas de resistência. A estratégia de propaganda do jornal concentrou-se sobretudo nas críticas às duras condições de vida e de trabalho das classes populares italianas no estado de São Paulo, seja no campo seja na cidade. Em particular, concentrou-se numa extenuante campanha contra a imigração para o Brasil, alertando os camponeses que a vinda às fazendas de café só teria aumentado o número da mão-de-obra e, por conseguinte, teria causado a queda do poder de barganha na contratação de todos os trabalhadores, tanto nas fazendas como na cidade para onde acabavam se dirigindo os colonos que fugiam da lavoura. Em torno desse grupo editor havia, na cidade de São Paulo, vários outros grupos anarquistas de apoio ao jornal; ademais, as inúmeras viagens de propaganda de Ristori para o interior do estado fizeram com que uma parte relevante dos que apoiavam o jornal pertencesse às camadas de artesãos e operários italianos, presentes em todos os centros urbanos paulistas de médias dimensões.

1. OS ANARQUISTAS ITALIANOS DIANTE DE UM PAÍS DOMINADO PELAS OLIGARQUIAS.

Os anarquistas italianos de São Paulo referiram-se à realidade circunstante, sobretudo em função dos problemas vividos pelos trabalhadores italianos ali imigrados. A economia, a sociedade e as instituições brasileiras eram analisadas, estudadas e obviamente criticadas, para um fim principal: o de dissuadir os trabalhadores italianos de imigrar para o Brasil. A luta contra a imigração foi o verdadeiro leit-motiv do

jornal *La Battaglia*: quase todos os artigos, excluindo os estritamente teóricos, tinham como fim o de dar uma idéia do Brasil que deixasse explícito que este era um país para se evitar absolutamente. Mas qual era a idéia que estes anarquistas tinham do país sul-americano? Deixando de lado, agora, os argumentos principais usados para contestar a imigração, isto é, as condições de vida nas fazendas e nas fábricas, aqui nos ocuparemos em particular da crítica do grupo de *La Battaglia* aos aspectos e aos acontecimentos característicos da realidade brasileira na sua totalidade².

Segundo o *La Battaglia*, como resulta claro no opúsculo de 1906, *Contro l'immigrazione al Brasile*, as dificuldades que os trabalhadores italianos teriam encontrado nos lugares de trabalho tinham as próprias raízes na estrutura geral da sociedade brasileira: no opúsculo, de fato, Ristori adota o critério dedutivo de partir de uma análise geral da economia e das instituições, para depois se aprofundar numa análise particular da fazenda e da fábrica. Para Oreste Ristori, se nas plantações reinava uma exploração de tipo semi-feudal, a causa devia ser procurada na sociedade brasileira, dominada por uma elite escravista e pelo clero, o qual constituía a base cultural desta sociedade, graças à sua função pedagógica. O conceito fundamental era que o sistema capitalista no Brasil alcançava níveis nunca vistos de exploração, pelo fato de se basear numa sociedade que ressentia o seu passado colonial e escravista.

No opúsculo, o capítulo sobre a situação econômica, considerada desesperada por causa da monocultura do café, que não permitiu ao país defender-se da prevista queda dos preços do produto, era seguido pelos capítulos "Política Burocrática" e "La Cancrena Religiosa". No primeiro, o povo brasileiro (sem nele distinguir classes ou grupos) é considerado geneticamente predisposto à vida burocrática e contrário ao trabalho "produtivo", o que comporta, para Ristori, o assalto a qualquer cargo público, até o mais insignificante em escala local, causando a degeneração do sistema eleitoral, do qual ele evidencia o caráter totalmente clientelar. Ainda, outra consequência seria a diminuição dos recursos das finanças públicas, o que

² A análise do *La Battaglia* em relação às questões da imigração, da organização operária e das condições de vida e de trabalho nas fazendas e nas fábricas foi tratada por mim nos outros capítulos da minha Tesi di Laurea acima citada.

impulsionou uma série de impostos que pesavam sobre as classes produtoras. A conclusão é que, por causa da "*crise incurável do café*" e desta burocracia, o Brasil, que poderia ter sido "*pela fecunda natureza do seu solo, pelas imensas riquezas que guarda nas suas entranhas, um dos mais floridos países do mundo*"³, é, pelo contrário, um país arcaico e pobre. Estas foram as teses sustentadas em 1906, mas já em 1908 as causas econômicas da crise brasileira são postas em segundo plano pelo próprio Ristori, que confirma, ao invés, a primazia das sociais e culturais.

*"Falar, como outras vezes falamos, de péssimas colheitas do café, de quedas de preço excepcionais para explicar a crise terrível que atravessa atualmente o Brasil, equivale a fazer todo o possível para esconder aos olhos do público as causas verdadeiras e diretas deste fenômeno doloroso [...] Ainda não vi alguém jogar sobre a burocracia, sobre o governo, sobre o clero, a parte de responsabilidade que lhes cabe, sendo eles os fatores principais da crise profunda que empobrece e esfomeia o país."*⁴

Todas as análises econômicas, de qualquer forma, concentraram-se sobre o sistema mono-exportador que existia no Brasil, tema este que, pela sua evidência, não podia ser deixado de lado, nem diminuído em importância, sobretudo se temos em conta o fato de que os anarquistas italianos atuavam no estado de São Paulo.

O anarquista individualista Pio Spadea, por sua vez, ilustrando no *La Battaglia* a crise do início do século, individua imediatamente o problema causado por uma economia mono-exportadora: partindo da observação do câmbio, caído abaixo de 15 mil-réis por esterlina, afirma que as oscilações do mesmo são causadas pelo fato de o Brasil depender quase totalmente do café, enquanto o resto da produção agrícola permanece escasso, resultando que todos os gêneros de consumo são excessivamente caros. Para Spadea, o Brasil deveria diversificar a própria produção agrícola, o que seria possível

³ RISTORI, Oreste. *Contro l'immigrazione al Brasile*. Mantova, 1907 (tradução italiana de *Contra a Imigração*, São Paulo, 1906), pp.14-18.

⁴ "Chi divora il Brasile", *La Battaglia*, n. 169, 24-05-1908.

pela fertilidade da sua terra. Outra solução que propõe é a de dar impulso à pequena indústria e à pequena propriedade, concluindo que, somente quando se realizassem tais condições, se poderia dar novo impulso aos fluxos imigratórios⁵.

Quando se realiza o encontro de Taubaté em 1906 para lançar a política de valorização do café, a análise é sempre feita tendo em vista o problema da imigração. O encontro falhou, sustenta o grupo redator de *La Battaglia*, porque

*"a valorização do café, ainda que fosse um meio eficaz para levantar o país [...] não pode depender senão de uma forte limitação desse produto; nunca dos golpes de bolsa e dos jogos de truste que, embora consigam modificar momentaneamente a oscilação dos preços, deixam todavia permanentemente intacta a situação geral da vida econômica. [...] O comércio vive uma vida paralítica, a indústria não consegue crescer, as dívidas do Estado com os estrangeiros e dos municípios para com o estado, aumentam com uma progressão alarmante."*⁶

A tese é que, até quando as entradas no país dependessem sobretudo do café, a crise prolongar-se-ia, e, portanto, se revelava inútil reativar momentaneamente a imigração⁷.

Dois anos depois, retomando as críticas movidas ao plano de valorização do café, Alessandro Cerchiai propõe uma solução drástica que revela a atenção que os anarquistas de *La Battaglia* davam aos pequenos proprietários do interior paulista, opostos aos grandes latifundiários que dominavam o Brasil e sufocavam sua evolução para uma estrutura econômica diferenciada.

"Para o café, precisa-se de um remédio heróico, todos o sabem, mas ninguém ousa pô-lo em prática: a destruição de uma parte das plantações [...] respeitando as pequenas fazendas que

⁵ *La Battaglia*, n. 59, 10-12-1905.

⁶ "Non immigrate al Brasile", *La Battaglia*, n. 75, 15-04-1906.

⁷ *Ibidem*.

apenas dão o pão aos que as cultivam, e realizar a destruição proporcional complexiva em todos os grandes feudos, do número de plantas de café que dão o excesso de produção."⁸

Este mesmo anarquista toscano, alguns anos mais tarde, depois que o plano de valorização deu seus frutos, acentua os interesses comuns entre o Estado e os grandes proprietários de terra em pôr em prática aquela política econômica.

*"Em três anos, os fazendeiros, graças ao monopólio sobre o café - uma verdadeira greve de vendedores da qual participou ativamente o Estado - triplicaram o valor deste produto e, por consequência, triplicaram o valor das próprias fazendas."*⁹

A política de manutenção dos preços do café é também usada pelos anarquistas de *La Battaglia*, para explicar a inflação que se seguiu ao boom econômico do período 1910-1913, e que levou os proprietários de casas a aumentar o preço dos aluguéis, enquanto, ao mesmo tempo, empresários e grandes comerciantes, graças à maciça entrada de dinheiro no mercado por causa do plano de valorização do café, aumentavam proporcionalmente os preços dos bens primários¹⁰.

Como pudemos notar nos artigos citados, uma particular atenção é dada aos pequenos proprietários, de quem o Brasil parece ser tão escasso, ainda que, em relação a esse setor, as opiniões dos redatores de *La Battaglia*, sejam discordantes. Todavia, os numerosos acenos, sobretudo nas correspondências dos militantes ou dos simpatizantes do interior do estado de São Paulo, a respeito do problema dos impostos, das taxas de importação, mas também sobre o monopólio detido por parte de algumas empresas das concessões de obras públicas feitas pelas prefeituras, mostram-nos como os anarquistas paulistas eram próximos aos pequenos proprietários de terra

⁸ "Fosco avvenire", *La Battaglia*, n. 195, 13-12-1908.

⁹ "Buoni sintomi", *La Battaglia*, n. 354, 18-05-1912.

¹⁰ "Grande agitazione operaia e dei coloni nell'interno", *La Battaglia*, n. 354, 18-05-1912.

e aos artesãos de origem italiana, espalhados nas várias localidades. O próprio Gigi Damiani argumentará que "*a própria propaganda anarquista encontrava seu maior número de adeptos entre os artesãos e pequenos proprietários de terra*".¹¹ Por parte dos italianos, é forte a crítica às concessões irregulares, como aparece em vários artigos de *La Battaglia*, evidenciando a impossibilidade de muitos artesãos com oficinas próprias, de oferecer seus serviços, uma vez que as licitações não existiam. Também por esse motivo, a crítica que os anarquistas faziam ao Estado como instituição que impedia o desenvolvimento de uma democracia econômica, facilitava a difusão do anarquismo entre estes setores de imigrantes italianos. Ristori, na verdade, em um dos seus artigos teóricos no qual ataca a teoria marxista da concentração monopolista, sustentando que, ao contrário, cada dia aumentavam os pequenos capitalistas, define a pequena propriedade como "*uma das maiores pragas*" da sociedade contemporânea, "*e o maior obstáculo ao advento da revolução social*". Ele define uma espécie de classe composta por todos aqueles que se tornaram "*proprietários de uma loja, de um campo, de uma casinha*" ou de pequenas oficinas, e, por isso, odeiam os grandes capitalistas, mas defendem o princípio do capital, odeiam o Estado porque lhes faz pagar os impostos, mas o apoiam porque legitima a propriedade¹². Veremos depois como, em outros casos, Ristori salvará os pequenos proprietários, de acordo com a utopia anarquista da federação de comunidades de pequenos produtores. E de qualquer forma, é difícil ignorar o fato de que o problema do Estado visto somente como cobrador de impostos, está realmente no centro de muitas das críticas dos colaboradores e dos correspondentes de *La Battaglia*, ao ponto que quase não existe um número do jornal em que não se sinalize a este problema. De Araraquara, por exemplo, chega esta correspondência:

¹¹ DAMIANI, Luigi. *I Paesi nei quali non si deve Emigrare. La Questione Sociale al Brasile*. Milano, Edizioni di Umanità Nova, 1920, p. 32.

¹² Segundo Ristori, a causa remonta ao erro de Marx de não ter levado em conta o sistema da herança, como na famosa polêmica entre Marx e Bakunin nos tempos da Primeira Internacional. *La Battaglia*, n. 160, 15-03-1908.

*"Neste momento, esta câmara municipal está por dar um outro terrível golpe à classe operária [...] Então, a câmara municipal decidiu estabelecer um novo imposto às oficinas que têm uma placa [...] Aos grandes negociantes, a nova taxa não abala em nenhum modo, uma vez que, quando chegam em um acordo entre eles, logo compensam nas costas do trabalhador, aumentando os preços dos produtos que eles detêm, mas o encanador, o ferreiro, o sapateiro, o barbeiro, que das suas pequenas oficinas tiram, com o trabalho, o escasso pão para a família deles, vêem-se obrigados a apertar ainda mais os cintos."*¹³

Essa correspondência, escolhida entre muitas outras com o mesmo argumento, mostra bem quais setores sociais entravam, segundo estes anarquistas, no conceito de classe operária, diferentemente da bem mais caracterizada definição do mesmo conceito dada pelos marxistas, e, ao mesmo tempo, explicita quais acusações eram feitas à intervenção do estado paulista na atividade econômica dos artesãos.

Entre outros testemunhos, parece interessante também o de um importador italiano de vinhos, em relação aos altos impostos sobre as importações, nos quais ele vê a natureza substitutiva de outros impostos, menos onerosos ou muitas vezes inexistentes, sobre as exportações (leia-se o café) ou sobre os patrimônios.

*"A assim chamada proteção da indústria é uma das maiores preocupações dos nossos legisladores [...] E esta suposta proteção dos interesses vitais da nação possui uma justificação quando o objeto ou a coisa que se declara de querer proteger existe, mas quando não existe? No Brasil, as taxas alfandegárias protegem os vinhedos que não existem, os cereais que não se cultivam, as indústrias que não existem."*¹⁴

¹³ "Dall'interno dello Stato", *La Battaglia*, n. 76, 22-04-1906.

¹⁴ "Il brigantaggio coloniale", *La Battaglia*, n. 206, 07-03-1909.

Outrossim, as numerosas críticas à onerosidade fiscal no estado de São Paulo pretendiam demonstrar as péssimas condições de vida causadas pelo predomínio absoluto das oligarquias, que faziam do Brasil, segundo os anarquistas italianos, um país feudal ou semi-feudal. Se, por um lado, esta idéia era demonstrada pelas condições de vida e de trabalho nas plantações e nas fábricas, por outro, ela era sustentada através de outros argumentos, ligados à vida cotidiana, à ação e à intervenção do Estado na atividade política dos cidadãos e dos trabalhadores, e, sobretudo, à história e à cultura, e, certamente, à estrutura social brasileira. A idéia de um Brasil medieval apoiava-se, sim, na estrutura econômica ligada à fazenda, contudo as más condições de vida ali existentes, e também nas indústrias, tinham as próprias bases fixadas naquilo que era considerado pelos anarquistas italianos - mas não somente por eles - a tara originária da sociedade brasileira: a escravidão. A elite brasileira era uma oligarquia exatamente em relação à sua proveniência de uma cultura de governo escravocrata, que se explicitava, não somente na condução da fazenda, o seu "feudo", mas também na condução da sociedade no seu conjunto.

Como exemplo suficientemente exaustivo e quase paradigmático do juízo e da visão global sobre o Brasil enquanto um país ancorado à sua história passada e dominado por uma espécie de autocracia que o impede de um ulterior desenvolvimento no caminho do progresso, não somente social (como era na tradição do pensamento socialista e anarquista) mas também econômico e cultural, gostaria de citar um artigo de 1912, quando a experiência do *La Battaglia* está terminando na mais completa resignação.

"Estamos em um país sem passado, sem tradições, com uma história recente e vulgar, um país conquistado por brigantes poucos séculos atrás [...] terra, esta, de imigrantes hoje, de aventureiros no passado. As classes são dos nossos dias. Ontem só existiam patrões e servos. Os plantadores de café, e o negro roubado da África. O branco, o mulato, o liberto, aquele que não era nem patrão nem servo, criava não a classe média, mas uma espécie de apêndice àquela patronal, paria os soldados e os homens da lei [...] A organização política genuinamente nacional é o caciquismo. Duzentas famílias são o Estado; vinte oligarquias, a federação dos estados. Um poder central independente daqueles é impossível. Se varia, é segundo a prevalência dos interesses. No fundo, o Civilismo é a regimentação dos fazendeiros; atrás do Hermismo estão os

industriais, os escribas e os soldados. A monarquia desabou por ter dado a liberdade aos escravos negros. A república cairá se se obstina a não querer reestabelecer o regime do chicote para os escravos brancos. As insistências dos plantadores do estado de São Paulo ao governo da União, para obter uma lei-força, são a documentação do que afirmamos. O estado de São Paulo, tradicionalmente clerical e escravista, pode tolerar uma república que consente a ela de seguir as suas tradições [...] Não faltam brasileiros que vêem clara a situação. O que falta é a vontade de reagir e de agir. Estamos no país da indolência...o brasileiro aborígene é objeto de museu...é a fera que se esconde na floresta. Fera, entretanto, o fizeram os conquistadores e os jesuítas. O brasileiro de aclimação é um bastardo da civilização do além-mar. Filho de holandeses, de portugueses, e de africanos [...] Grande parte do elemento imigratório destinado à fusão [...] é um resto de miséria, de cansaço, de ruína. O clima completa a obra, e nos dá o perfeito tipo nacional, que desdenha o trabalho e despreza o trabalhador. E como o trabalhador é sempre estrangeiro, réu de dois delitos, ele merece duplo desprezo ..."¹⁵

No presente artigo é sintetizada a idéia que os anarquistas italianos têm do Brasil, e, em seguida, examinaremos, os juízos acima citados com maior atenção.

Antes de tudo, nota-se claramente como os anarquistas detectam os interesses que ligam latifundiários e burocracia estatal, como também tinha sido evidenciado no caso da valorização do café. Obviamente, ao longo de todo o período de vida do jornal, são numerosas as análises que tendem a ressaltar o estreito conúbio entre fazendeiros e governantes, sublinhando freqüentemente a identidade em uma única classe oligárquica, ainda que nem sempre plantadores e políticos são considerados uma única oligarquia monolítica, prevalecendo às vezes a consideração de que os segundos não são nada mais que o braço dos primeiros, às vezes a relação contrária. De

¹⁵ "Os gordos e os magros", *La Barricata*, n. 381, 28-12-1912.

qualquer forma, confirma-se em muitas correspondências o quanto a idéia de tal identidade entre as instituições e os detentores do poder econômico é difusa entre muitos trabalhadores e militantes anarquistas italianos¹⁶. Esta relação entre poder econômico e político passa através daquele sistema de poder local que os anarquistas de *La Battaglia* chamam de "*cacicchismo*", mas que é mais comumente conhecido como coronelismo. A figura do coronel é analisada por Gigi Damiani no artigo "Il padrone del Brasile", onde faz um retrato irônico, mas eficaz. Tal personagem despreza a constituição, impondo a sua lei, ao mesmo tempo é um oficial da guarda nacional, defensor do estado laico, um devotíssimo católico e um maçom anticlerical. Seu poder deriva, afirma o Damiani, da sua posição de "eleitor influente" que dá aos seus familiares ou aos seus estreitos colaboradores, cargos públicos em todos os graus: "*começa fazendo seu filho prefeito, delegado o seu genro, carcereiro um velho capanga*".¹⁷

E também o outro redator, Cerchiai, em um artigo de alguns meses depois, sublinha que "*3/5 da população total do país está completamente fora dos poderes do Estado, e depende dos senhores*".¹⁸

Tais considerações apoiavam-se em um questionamento mais geral, para o qual a democracia republicana, consagrada pela constituição de 1891, era simplesmente uma formalidade. Esta tese, por sua vez, constituía um aspecto daquela que reconduzia tudo à natureza ainda escravista e, portanto,

¹⁶ Em uma carta provida de Araraquara, por exemplo (poderia citar muitas outras parecidas), observa-se essa identificação entre os símbolos nacionais e os fazendeiros, ao mesmo tempo em que se misturam identidades internacionalista de classe e nacional italiana: "No dia 7 do corrente mês, se sussurrava que era festa. Olhei o calendário e soube que esta era a data da independência do Brasil. Logo me veio em mente a lembrança das palhaçadas dos anos anteriores, mas grande foi a surpresa, porque não vi, como no passado, os trabalhadores em festa [...] e a uma certa hora, a banda começou um concerto para um restrito número de ouvintes, onde quase totalmente faltava o elemento operário [...] Logo se operou uma transformação: os interesseiros, os espíões secretos, etc. tiraram o chapéu, mas os trabalhadores independentes permaneceram com a cabeça coberta, indiferentes ao patriotismo barulhento. Nenhum "viva!" ao hino dos fazendeiros." *La Battaglia*, n. 94, 16-09-1906.

¹⁷ *La Battaglia*, n. 188, 18-10-1908.

¹⁸ "Fosco avvenire", *La Battaglia*, n. 195, 13-12-1908.

iliberal da sociedade brasileira. Conforme evidenciou também Silvia Magnani Lang, os anarquistas em São Paulo viram-se defendendo uma forma política, a república, e, em sentido mais amplo, o estado de direito, que na Europa era, ao contrário, um dos alvos preferidos deles¹⁹. É necessário, entretanto, fazerem-se algumas distinções e especificar por que e de que modo desenvolveu-se no Brasil uma estratégia de propaganda deste tipo. Antes de tudo, a defesa dos direitos consagrados constitucionalmente deu-se sobretudo por razões instrumentais: a repressão por parte do Estado brasileiro das atividades chamadas subversivas, foi realizada freqüentemente com uma violência que, na Europa ocidental, só em casos excepcionais era utilizada, e concretizou-se no famoso decreto de expulsão dos estrangeiros que ameaçavam a segurança pública, popularizado com o nome de Lei Gordo, o qual amplificou as tensões que já existiam cotidianamente entre imigrantes e brasileiros. É necessário acrescentar que o fato de ser o Brasil uma república era também habilmente articulado pelos anarquistas italianos, para afirmar que a escolha entre monarquia e república constituía uma questão ociosa, porque o centro do problema não era a forma política assumida pelo Estado, mas a presença opressiva do próprio Estado.

A ilusão da forma republicana e a deficiência na aplicação dos princípios da Constituição são demonstradas especialmente pelos contínuos acenos à ausência de uma verdadeira luta política entre partidos, com programas e ideologias diversas, o que exibiu a inutilidade de um processo eleitoral controlado pela oligarquia de sempre. Todavia, não podemos esquecer que esse tema foi constantemente explorado pelos anarquistas, em oposição ao reformismo socialista e, no caso do Brasil, em tais críticas estavam subentendidas, muitas vezes, mensagens aos socialistas de língua italiana que atuavam no estado de São Paulo, ainda que, na polêmica com os vários Piccarolo ou Vacirca, as referências eram sobretudo à realidade italiana²⁰.

¹⁹ LANG, Silvia Magnani. "O Movimento Anarquista em São Paulo: 1906-1917". São Paulo, Brasiliense, 1982, p.184.

²⁰ Antonio Piccarolo foi um dos diretores do periódico socialista de língua italiana *Avanti!*, publicado em São Paulo entre 1900 e 1919. Vincenzo Vacirca, ele também diretor desse jornal, foi expulso do Brasil em 1907, por ter liderado algumas greves.

Damiani, por exemplo, ataca o sufrágio universal, criticando exatamente a sua suposta universalidade, citando o caso das eleições de novembro de 1905 no Paraná, onde, de cerca de 400.000 habitantes, votaram somente 12.000 pessoas²¹; e outro argumento usado pelo *La Battaglia* foi sublinhar que, na lei brasileira, não era permitido votar às mulheres e aos analfabetos²². Mas o quadro mais exaustivo é-nos dado pelo artigo de Gigi Damiani "Non Votare!":

"Todas essas minhas reflexões não podem referir-se ao Brasil, que não tem partidos políticos que façam ostentação de programa, que propaguem reformas [...] No Brasil a luta eleitoral é reduzida aos termos mínimos: existe um partido só: o que governa. [...] A direção política entrega um envelope fechado onde está a lista dos candidatos, os eleitores a põem na urna e tudo está feito. Alguém poderá objetar: mas, e a oposição? ...de quem? ...contra quem? Frequentemente acontecem na família dos políticos algumas questões [...] o resultado dessas brigas é que quatro ou cinco indivíduos perdem o seu posto no cocho. [...] Constituem então um partido de oposição, o qual deveria levá-los novamente ao poder. Frequentemente não é mais do que uma chantagem. E tudo acaba ali. Quando existe a oposição a disputar as eleições, estas, é verdade, correm um pouco mais animadas. Disparam-se alguns tiros e os votos podem subir até 10 mil-réis. Uma coisa que eu notei é que, quando há um candidato de oposição, o governo recolhe em nome do próprio mais sufrágios que as almas que existem no colégio eleitoral. Isso prova que, por um sublime ímpeto de patriotismo correm às urnas não só os ladrões e os homicidas, mas também os mortos [...] A isso se reduz a soberania popular no Brasil... e na Indochina."²³

²¹ *La Battaglia*, n. 64, 14-01-1906.

²² *La Battaglia*, n. 52, 16-09-1905.

²³ *La Battaglia*, n. 201, 31-01-1909.

No jornal *La Battaglia*, os apelos a não votar, como é óbvio, sendo o periódico anarquista, aparecem em toda ocasião, seja que se trate de eleições locais, eleições relativas a um único estado ou a todo o país. O que, entretanto, não se entende são os contínuos apelos nos quais se convidam quase especificamente os imigrados italianos a não dirigirem-se às urnas, visto que o número de italianos naturalizados entre 1889 e 1912 chegava somente a 1.185²⁴. As intervenções desse tipo são múltiplas como no caso citado pelo correspondente de Araraquara:

*"Em todas as oficinas e fazendas, os operários e os colonos foram obrigados a votar [...] Ora, eu me pergunto, por que vocês se fizeram eleitores? Para serem protegidos? [...] E depois, para vocês, míseros trabalhadores, que espécie de proteção podem dar? Quando vocês vão votar lhes circundam de uma patrulha de capangas armados, para estarem certos da sua devoção [...] Pobres italianos, pobres estrangeiros! [...] quando vêm as eleições, em troca de uma bebedeira, vocês mandam os seus torturadores ao poder."*²⁵

De fato, a mesma objeção poderia ser posta a todos os convites a não votar, feitos aos trabalhadores paulistas em geral, porque, embora não sejam dirigidos aos italianos explicitamente, sabemos que a maior parte dos trabalhadores do estado de São Paulo era composta por italianos, ou por outros estrangeiros também excluídos do voto. Podemos fazer a hipótese, então, de que tais apelos tinham mais que simples função prática: vigoravam como propaganda, cujo objetivo era mostrar o Brasil como país iliberal, tácita intenção de dirigir-se aos leitores residentes na Itália, levando novos argumentos à campanha anti-imigratória conduzida por *La Battaglia*.

²⁴ Cfr. "Annuaire statistique du Brésil.1908-1912". Imprimerie de la statistique, Brésil, 1916, vol. I, p. 192.

²⁵ "Vita moderna", *La Battaglia*, n. 112, 16-02-1907. Em Araraquara, nota-se que, a cada quatro anos, grupos de trabalhadores inconscientes são guiados pelos capangas às urnas e depois reexpedidos às fazendas. *La Battaglia*, n. 149, 22-12-1907. Alguns trabalhadores em Socorro foram ameaçados de despejo pelo proprietário da casa onde moravam, se não fossem votar nas eleições municipais. *La Battaglia*, n. 151, 05-01-1908.

Todavia, não se deve descartar a hipótese de um real envolvimento, em alguns casos, da colônia italiana nas eleições, sobretudo quando locais, dado que, como é conhecido, e como confirmam os artigos que acabamos de citar, na maior parte das vezes, as eleições se realizavam sem a mínima observância das leis²⁶.

A ação e a propaganda contra as eleições foram organizadas pelos anarquistas paulistas, tanto na ocasião das eleições presidenciais de 1906, como naquelas muito mais acesas de 1910. Tendo em vista as primeiras, que levaram ao governo federal Afonso Pena, foi organizada pelos anarquistas uma reunião no dia 25 de janeiro de 1906, com o objetivo de publicar um Manifesto Abstencionista, e de criar um movimento com tal alvo, que deveria concretizar-se na realização de várias reuniões em todos os "sestieri" de São Paulo, para demonstrar à população a inutilidade das eleições²⁷. Já a partir da apresentação dos candidatos para as eleições de 1910, os anarquistas paulistas se apressaram em explicar que, para eles, ainda que o perigo militarista representado pelo Marechal Hermes da Fonseca, apontado pelos civilistas de Rui Barbosa, fosse uma preocupação real, as duas facções não eram nada mais que os dois braços do mesmo corpo oligárquico, que regia as sortes do país²⁸. Ao mesmo tempo, os anarquistas de *La Battaglia* se apressam em advertir os militantes e os simpatizantes do jornal, que o antimilitarismo da grande imprensa paulista não é senão uma farsa. Em consequência, o jornal anarquista aconselha, com critérios revolucionários, o proletariado paulista a não cair vítima dessa propaganda, mas a lutar contra uma possível presidência militarista, tendo em conta que também a oligarquia paulista, durante as greves, fizera uso e abuso da força militar na repressão das mesmas, esquecendo os tão declarados princípios civilistas²⁹.

²⁶ Cfr. LOVE, J.F. "São Paulo in the Brazilian Federation: 1889-1937". Stanford, 1980.

²⁷ *La Battaglia*, n. 65, 21-01-1906. "Sestieri" é uma palavra da língua italiana mas originária do dialeto vênето, que significa bairros. O seu uso nos indica quão forte era, naquele momento, a presença dos imigrantes vênетos também na cidade de São Paulo.

²⁸ "La baraonda política", *La Battaglia*, n. 217, 30-05-1909.

²⁹ "Militarismo di pessima lega", *La Battaglia*, n. 217, 30-05-1909.

Embora preocupados mais com a vitória dos hermistas, os anarquistas de *La Battaglia* não deixaram de inaugurar uma campanha abstencionista, pondo sempre em evidência o caráter de farsa das eleições brasileiras, principalmente para os imigrantes italianos, que, de qualquer forma - apontam sempre os redatores - teriam continuado a sofrer a tirania de uma classe dirigente educada à liberalidade. Vale a pena notar, aliás, que também no apelo principal à abstenção, o grupo de *La Battaglia* evidencia as próprias ligações com a camada de artesãos italianos residentes no interior, que, segundo eles, encontrariam dificuldades em tentar não ser envolvidos na campanha³⁰. O apelo é explicitamente dedicado "aos muitos amigos com que nós contamos no interior, aos quatro ou aos cinco milhares de simpatizantes do jornal", frisando que os leitores não são necessariamente anarquistas, evidenciando assim uma separação, embora tênue, entre simpatizantes e efetivos militantes libertários. A preocupação com o possível envolvimento dos trabalhadores italianos residentes no interior patenteia principalmente duas coisas: primeiro que, como dizíamos antes, nos centros urbanos do interior de São Paulo era efetivamente possível que muitos estrangeiros, embora não naturalizados, fossem obrigados a votar, e, segundo, que essa obrigação poderia ser uma decorrência do medo desses artesãos de perder os próprios clientes, que se encontravam quase exclusivamente entre os profissionais liberais brasileiros.

2. A CRÍTICA AO APARATO REPRESSIVO DO ESTADO E À DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO AOS IMIGRANTES.

A intervenção dos militares na política leva-nos a analisar um dos temas mais explorados pelo grupo de *La Battaglia* com o objetivo de confirmar a natureza escravista da república brasileira: o da violenta repressão atuada pelas forças militares e de polícia, não só nos casos de greves e manifestações que pareciam ameaçar a classe no poder, mas também durante a vida cotidiana. O Brasil era visto, assim, como um país nas mãos de uma violência gratuita e estupidamente servil ao poder político e econômico. Este será o tema em que, com maior assiduidade, os

³⁰ "Abbasso il militarismo! Abbasso il civilismo!", *La Battaglia*, n. 232, 10-10-1909.

anarquistas italianos farão uso de comparações com o mundo europeu. Sabemos que também na Europa ocidental, em casos de revoltas e agitações, era mobilizado o exército, mas o que impressionava os anarquistas no Brasil era que a força militar se confundisse tantas vezes com aquela que devia tutelar a segurança pública, de modo a justificar plenamente a idéia do Estado repressor, do autoritarismo implícito no conceito de instituição. Além disso, a maior diferença que era pontualmente notada, era que tal repressão acontecia cotidianamente sobre a maior parte da população, em particular sobre os estrangeiros, e aparentemente sem nenhum motivo plausível que não fosse o de se conformar, por parte das autoridades, a uma ética remontante à sociedade escravista.

Alessandro Cerchiai, por exemplo, já em 1906, se debruça sobre a aparente contradição do fato de que cada fazendeiro se achava no direito de ser capitão, embora não fizesse parte de exército algum, evidenciando assim o uso interno do exército, voltado contra a população e não contra um inimigo externo, aliás inexistente, e chegando enfim a criticar a militarização sofrida pelos alunos das escolas primárias, onde se aprendia aquele "*vírus militar arlequinesco*" que caracterizava a sociedade brasileira³¹, na qual, como escreveu um ano antes, as "*sobrevivências de um período histórico de violências saem de todos os poros*"³². As críticas foram intensas também quando eclodiu o caso dos deportados para o Acre, momento em que *La Battaglia* atacou o presidente da república Rodrigues Alves, réu por ter expedido àquele território do norte os mendigos presos pelas ruas do Rio de Janeiro, sem nenhum processo, portanto sem observar as garantias constitucionais - ao invés de punir com a mesma violência Lauro Sodré e Alfredo Varela, responsáveis pela sublevação militar de 1904, apontando que, na Europa pelo menos, se conhecem os lugares de exílio forçado, ao contrário do Brasil, onde infelizmente comanda, segundo a definição dos componentes de *La Battaglia*, uma oligarquia de negreiros³³.

As teses de um Brasil militarizado encontraram confirmação no momento em que é promulgada a lei do sorteio militar, espécie de

³¹ "Tutti guerrieri", *La Battaglia*, n. 86, 15-07-1906.

³² "Cospirazione tenebrosa", *La Battaglia*, n. 58, 03-12-1905.

³³ *La Battaglia*, n. 46, 23-06-1905.

alistamento obrigatório, em 1908, contemporaneamente àquela que previa a educação militar nas escolas secundárias³⁴. Imediatamente foi organizada uma campanha antimilitarista, da qual foi produto o programa da Liga Antimilitarista Brasileira, redigido por Motta Assunção e traduzido no *La Battaglia*. Neste apelo, o serviço militar é visto como contrário a todo princípio de pacífico desenvolvimento; ademais argumenta que "*o exército, dada a extrema raridade das guerras, constitui principalmente uma legião de fura-greves*" para impedir aos operários de fazer greve pacificamente, e para servir não à nação, mas a uma casta³⁵.

Mas a idéia de um Brasil arcaico, explica Cerchiai, não é conforme à realização de um exército moderno, ilustrando mais uma vez o caráter semi-feudal da sociedade brasileira, que só consente a difusão de exércitos locais ligados aos interesses de algumas famílias. Um verdadeiro exército, sublinha o anarquista toscano, "*pressupõe a submissão ao poder central de todas as oligarquias que hoje, a despeito da constituição, formam nos exterminados campos, cada uma a seu modo, tantas tiranias locais, cuja soma complexiva constitui um verdadeiro e poderoso sistema feudal*"³⁶.

Quando a ação repressiva da Força Pública no estado de São Paulo manifestou-se nas primeiras greves, *La Battaglia* precipitou-se obviamente em denunciar a sua excepcional violência. De fato, a greve dos trabalhadores ferroviários da Companhia Paulista, em maio de 1906, que foi a primeira agitação com a qual *La Battaglia* teve que se envolver, foi reprimida pela intervenção de um contingente de mais de 1.000 soldados, com a participação combinada das forças federais e das forças estaduais para enfrentar mais de 3.500 grevistas³⁷. No artigo "A briglia sciolta", *La Battaglia*, para reforçar mais uma vez a idéia de que esses anarquistas estavam construindo do Brasil, comparando-o à Europa dos estados constitucionais, acusa o presidente da Cia. Paulista, Antonio Prado, e o

³⁴ Todavia, foram necessárias uma longa campanha de propaganda e a primeira guerra mundial para torná-las efetivas. *La Battaglia*, n. 154, 26-01-1908.

³⁵ *La Battaglia*, n. 157, 16-02-1908.

³⁶ "Fosco avvenire", *La Battaglia*, n. 195, 13-12-1908.

³⁷ Cfr. LEME, D.M.P. de Camargo. *Trabalhadores Ferroviários em Greve*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

governador do estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá, de terem instigado a Força Pública à violência, por serem ainda ligados àquela cultura escravocrata que não permite que os operários sejam considerados trabalhadores, mas indivíduos sem direitos - escravocratas que não se conformam a uma realidade na qual há direitos a defender com a arma da greve³⁸. Quando eclodem em São Paulo as greves pelas oito horas, em 1907, logo *La Battaglia* denunciou a violenta invasão da sede da Federação Operária de São Paulo - Fosp, contestando, além do fato de que muitos operários são presos e quase torturados, também pelos espancamentos impostos às tecelãs em agitação: a violência contra as mulheres aparece aos anarquistas italianos como a incontestável prova do estado de barbárie que se vivia no Brasil³⁹. Uma correspondência de Ribeirão Preto, durante a greve pelas oito horas naquela cidade, também expõe a violência da polícia que fechou a Sociedade Italiana, onde os operários se reuniam, pondo em destaque o fato de que os operários que sofreram essas medidas, inutilmente procuraram um advogado, ao contrário do que teria acontecido a um cidadão brasileiro na Europa, onde pelo menos poderia ter encaminhado um recurso legal⁴⁰. Sempre em relação à violência exercida contra as organizações sindicais, vale por todos o artigo intitulado, não casualmente, "Note...Brasiliense".

*"O exército policial do estado antimilitarista por excelência combateu em Santos mais uma das suas boas batalhas [...] e nova propaganda fez do Brasil, terra na qual residem todas as liberdades [...] A sede da Federação Operária foi tomada de assalto, e os móveis foram lançados pelas janelas [...] e é supérfluo acrescentar que todos aqueles que estavam lá reunidos, por volta de 200 operários, foram presos e espancados."*⁴¹

³⁸ *La Battaglia*, n. 80, 20-05-1906 e "Il risveglio degli schiavi" de A. Cerchiai, *La Battaglia*, n. 81, 10-06-1906. Durante a greve de solidariedade aos trabalhadores da Companhia Paulista, a redação de *La Battaglia* foi invadida e Alessandro Cerchiai preso.

³⁹ "Il risveglio degli schiavi", *La Battaglia*, n. 122, 16-05-1907 e "La Valanga proletaria", idem, n. 123, 26-05-1907.

⁴⁰ "Lo sciopero per le otto ore in Ribeirão Preto", *La Battaglia*, n. 123, 26-06-1907.

⁴¹ *La Battaglia*, n. 220, 27-06-1906.

Inúmeras, além disso, foram as queixas frente aos abusos operados pelas autoridades cotidianamente: arbitrariedades da polícia, detenções injustificadas, desaparecimentos. Nos muitos artigos que relatam essas violências, é importante notar como os redatores do jornal, mas também muitos correspondentes, evidenciam os abusos sofridos pelos trabalhadores imigrantes, não só pelo fato de eles pertencerem à classe operária, uma classe potencialmente perigosa, mas sobretudo por serem italianos: mais uma vez, questão de classe e identidade nacional compõem uma inusitada mistura na prática de propaganda desses componentes do arquipélago da imprensa anarquista de língua italiana espalhada pelo mundo⁴². Em todos esses artigos os autores nunca deixam de notar que esses episódios explicitam o estado de iliberalidade que se vive no Brasil, envolvendo nas acusações, todavia, não só as autoridades locais, mas também as consulares italianas, que deixam completamente desprotegidos os próprios patrícios - acusações estas que denunciam a conivência dos agentes do consulado de São Paulo com os empresários e fazendeiros de cada localidade.

Enfim, destacamos um testemunho que sintetiza a ação das autoridades e o juízo sobre o Brasil; é o que nos conta a detenção de um famoso militante anarco-sindicalista de São Paulo, Guido Monachesi, que a polícia prendeu no seu posto de trabalho, espancando-o violentamente, até levá-lo à prisão onde é detido numa cela que os guardas nunca deixam

⁴² São inúmeros os artigos dedicados à repressão gratuita e violenta nos bairros operários e quase mono-nacionais (com quase 80% de moradores italianos) do Cambucy, Bom Retiro, Braz e Barra Funda, cfr., por exemplo, *La Battaglia* n. 151, 05-01-1908. Entre os episódios mais curiosos relatados pelos correspondentes do interior, podemos notar o do casamento de um tal Francesco Cimelli, de Jaú, cuja festa nupcial foi interrompida pela polícia local, que prendeu o noivo e o espancou com os fuzis até ele entregar o seu dinheiro. *La Battaglia*, n. 58, 03-12-1905. Em Piracicaba, durante uma procissão, a polícia desencadeia uma briga com os trabalhadores locais. *La Battaglia*, n. 70, 04-03-1906. Em Araraquara, um assinante de *La Battaglia* é preso no momento em que está se dirigindo ao correio para mandar o dinheiro de uma lista de subscrição, sem conhecer o motivo da sua detenção. *La Battaglia*, n.73, 25-03-1906. Em Juiz de Fora, o correspondente e um amigo dele são improvisadamente presos por dois policias que lhes gritam: "Carcamanos, vocês estão presos". *La Battaglia*, n. 134, 25-10-1907.

sem um certo nível de água no chão. Depois de alguns dias desse tratamento, ele é levado a Santos para ser expulso, conquanto, sendo residente no Brasil havia dois anos, não pudesse ser mandado embora⁴³. Esse artigo nos oferece a ocasião para falar da lei de expulsão de 1907, e de como esta era aplicada, sem respeitar as mínimas liberdades de defesa. A promulgação dessa lei desencadeou, por parte de *La Battaglia*, um ataque à sociedade brasileira no seu todo, e não só às autoridades e à oligarquia que dominava o país⁴⁴. Essa lei concentrava em si todos os argumentos que os anarquistas italianos levantavam contra a realidade brasileira: a Constituição republicana não era senão uma formalidade, os imigrantes eram bem acolhidos só se se deixassem explorar, no Brasil sobrevivia uma estrutura social arcaica, fundamentalmente escravista. A Lei Gordo, aliás, impunha o problema da relação entre estrangeiros e nacionais, entre imigrantes e população brasileira, e também o da integração e da discriminação em relação aos italianos. Tal problematização estava seja dentro do próprio texto da lei, seja no processo que tinha levado à formulação dessa lei. É sabido, de fato, que a propaganda oficial criou, a fim de justificar a necessidade do decreto de expulsão, a famosa "teoria da planta exótica", para demonstrar a não pertinência das doutrinas anarco-comunistas e socialistas ao mundo e à cultura brasileira. Os anarquistas italianos, que viviam a dupla condição de ser ao mesmo tempo internacionalistas convictos e imigrantes com uma nacionalidade bem individuada, reagiram através de dois modos diferentes: por um lado contestando, como sempre, a idéia de pátria, por outro, sublinhando a superioridade do estrangeiro frente ao brasileiro, isto é, utilizando, e isso nos parece singular, motivações classicamente anarquistas

⁴³ Monachesi não pôde de fato ser expulso. A polícia chega até mesmo a oferecer a ele um dinheiro para deixar o país, que o anarquista recusou. "L'inquisizione in San Paolo", *La Battaglia*, n. 318, 20-10-1911. Cerchiai, também, conta a sua experiência nas cadeias brasileiras, onde denuncia a excessiva promiscuidade e as condições das celas de isolamento onde os presos eram detidos por até quinze dias, com água até as canelas. *La Battaglia*, n. 82, 17-06-1906.

⁴⁴ A lei de expulsão, conhecida como Lei Gordo, foi promulgada com o decreto n. 1641, de 7 de janeiro de 1907. Em 1913, foram abolidos os pontos que impediam a aplicação da lei para aqueles estrangeiros residentes no Brasil há dois anos, ou casados com brasileiras.

com outras etnocêntricas. Ambas as observações serviam para defender e conservar um pleno direito de cidadania, e eram, de toda forma, unidas pela consideração que a propaganda das idéias libertárias fundava-se na constatação de uma real exploração sofrida pelas classes trabalhadoras.

Quando - embora antes da promulgação da lei, mas já com a experiência da Argentina e já tendo em vista o debate que ia-se desenvolvendo a propósito - durante a greve da Companhia Paulista em 1906, os homens da Força Pública gritavam aos grevistas que deviam voltar aos próprios países, Cerchiai opôs o internacionalismo anarquista: "*na nossa pátria nós estamos em qualquer lugar, na Itália como na França, na China como no Brasil, porque em qualquer lugar onde trabalhamos a terra é nossa*"⁴⁵.

Em outro contexto, *La Battaglia* ataca a lei de expulsão, considerando-a uma estratégia do governo para interromper o êxodo de colonos das fazendas, obrigando os libertários e os socialistas que denunciavam a exploração sofrida pelos colonos imigrados, a ir embora⁴⁶.

Visto em conjunto, o decreto Gordo, para os anarquistas, agravava ainda mais a natural insegurança que os cidadãos sofriam no Brasil pelas arbitrariedades da polícia, reforçando, assim, a habitual idéia do Brasil-terra sem garantias de convivência civil⁴⁷.

Duas questões de fundo ligam-se uma a outra, quais sejam, a expulsão dos estrangeiros e a discriminação em relação aos italianos, dois fenômenos que andam juntos. É no artigo "Va fuori stranier!" que Cerchiai dá espaço a algumas proposições etnocêntricas, estendendo o juízo de subdesenvolvimento a toda a população brasileira.

⁴⁵ "La terra è di tutti", *La Battaglia*, n. 81, 10-06-1906.

⁴⁶ "Le gesta della boicrazia", *La Battaglia*, n. 111, 10-02-1907.

⁴⁷ Ainda nesse caso, um artigo nos relata sobre uma detenção arbitrária ocorrida a um operário da Lidgerwood, em São Paulo, preso e conduzido a Santos para ser expulso, sem que ele nunca tivesse participado de grupos políticos, e sem que a sua mulher e seus amigos soubessem pela delegacia de bairro onde ele estava detido. "Un'infamia", *La Battaglia*, n. 134, 25-08-1907.

Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista 'La Battaglia' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos

*"Aqui se pode roubar, torturar, matar, pode-se renovar uma S. Barthelemy para os italianos com a certeza absoluta, matemática, de que ninguém irá para a cadeia, e que ninguém se interessará pelas vítimas [...] Uma justiça que deixaria envergonhados os Cafros, mas que deixa imperturbável a horrível e impudente cara dos brasileiros."*⁴⁸

No fundo, a inutilidade da lei de expulsão é propagandeada mesmo referindo-se a uma presumida superioridade dos estrangeiros, únicos e viventes exemplos, na sociedade brasileira, de estruturas sociais modernas.

*"Aqui não existe uma verdadeira classe operária constituída por nacionais, todo o elemento ativo industrial é importado, como importados são quase todos os produtos da indústria e da inteligência. Os imigrantes são pessoas que no fim das contas possuem uma alma muito mais evoluída que a dos brasileiros [...] Tudo, portanto, pode ganhar o Brasil com a infiltração estrangeira."*⁴⁹

Toda vez em que se apresentava o perigo de novas expulsões de militantes e líderes anarquistas, socialistas ou sindicalistas, e notadamente quando estas aconteciam, os redatores de *La Battaglia* voltavam a usar os mesmos argumentos, que misturavam, dentro de uma estrutura de pensamento fundamentalmente anarquista, temas da vulgata positivista junto com visões dos problemas limitados pelo fato de serem italianos e, por isso, marginalizados. Os temas etnocêntricos, posto que talvez exagerados no fogo da polêmica, tendiam a apresentar uma contraposição entre o mundo europeu, representado pelos trabalhadores imigrantes, filhos do progresso industrial, e o brasileiro, herdeiro do feudalismo. Essa construção ideológica positivista levava os anarquistas italianos a divisarem os operários, principalmente os de São Paulo, como prisioneiros dessa velha sociedade

⁴⁸ *La Battaglia*, n. 168, 17-05-1908.

⁴⁹ "Viva la Repubblica", *La Battaglia*, n. 174, 05-07-1908.

que não os integrava e que, afinal, não permitia o desenvolvimento da luta de classe: questão social, segundo os anarquistas italianos, limitada aos trabalhadores estrangeiros que não alcançava os trabalhadores brasileiros.

Quando, em 1913, são eliminadas as exceções da lei Adolpho Gordo, *La Battaglia* confirma a exigência da ação dos anarquistas, mesmo frisando de novo o contraste entre uma suposta superioridade dos imigrantes e uma presumida inferioridade dos brasileiros.

*"O fazendeiro é que é estrangeiro na sua fazenda que não conhece, e não o colono que a irrigou com o suor da própria frente. Estrangeiro é o acionista, na oficina a ele desconhecida, e não a frágil operária que conhece todas as vibrações do tear sobre o qual adoece [...] o nosso direito de intervir para julgar a vida política de um país e querer regular as condições econômicas apóia-se sobre uma razão [...] Porque aqui nós trouxemos o trabalho e a idéia: o pão e o progresso. [...] Defendendo a causa do proletariado de além mar, nós defendemos o porvir do Brasil das insídias do passado inquisitorial e escravista. Comovendo-nos com o ofendido colono italiano nós não tentamos vender a moeda falsa de um nacionalismo traidor; nós cuidamos da liberdade de um proletariado em gestação: o indígena."*⁵⁰

Concluindo, podemos observar que os próprios anarquistas reconheceram que a ação deles foi caracterizada pela luta para a democracia, mas deplorando, sobretudo a partir de 1910, o quase monopólio que essa questão exerceu a dano de uma ação e de uma propaganda estritamente anarquista. De modo que o insucesso do movimento, depois de ter sido atribuído à inata iliberalidade da sociedade brasileira, recaiu sobre ter endereçado todas as próprias forças justamente a contrastar e denunciar aquela iliberalidade. Por exemplo, o artigo "Parliamoci chiaro", no qual se reconhece o fracasso da propaganda anarquista, se conclui com uma frase

⁵⁰ "I nemici del Brasile", *La Battaglia*, n. 386, 21-02-1913. Outras referências a artigos que tratam desse tema se encontram nos números de *La Battaglia*: 174, 177, 178 de 1908; 272, 281 de 1910; 367, 379 de 1912.

que quer ser uma explicação sintética e exaustiva: "Digamos a verdade, nós trabalhamos duro por uma causa que não era nossa: a da democracia"⁵¹.

3. DA CRÍTICA À POPULAÇÃO BRASILEIRA À POSSIBILIDADE DE UM BRASIL DIFERENTE DENTRO DE UM IMAGINÁRIO UTÓPICO.

O juízo negativo sobre o povo brasileiro apóia-se ele também sobre a característica do Brasil ser ainda, para *La Battaglia*, um país escravista, de modo que, genericamente, a população nativa é considerada adormecida num deletério parasitismo, um mau costume que se difundiu, segundo os libertários, das camadas sociais mais altas até formar o comportamento do inteiro povo brasileiro. Por outro lado, será mesmo o reconhecimento de uma realidade econômica na qual faltam ainda os pressupostos de um desenvolvimento capitalista, com a conseqüente ausência de uma classe proletária no sentido moderno do termo, isto é, ligada à indústria além do setor agrícola, que convencerão os anarquistas italianos da ulterior dificuldade de penetração no Brasil das idéias libertárias, ou, de qualquer forma, das problemáticas ligadas à "questão social". De fato, inúmeras são as correspondências que nos informam de comunidades passivas porque condicionadas por um meio estático e arcaico. Com certeza, o grupo de *La Battaglia* não se desencorajou facilmente, aliás afirmando que os anarquistas no Brasil já tinham feito muito, e que seria ingênuo pretender os mesmos resultados que se obtêm na Europa, onde o movimento conta com milhares de militantes e age em países "*mais progredidos*"⁵².

Em 1910, os argumentos levantados por Gigi Damiani, para sustentar as próprias análises sobre os obstáculos postos à ação anarquista pela estrutura de toda a sociedade, são suficientemente exaustivos.

"Países que não possuem uma tradição revolucionária, antes que formem uma consciência nova, têm muitas coisas para cumprir. Assim, nesse regime de válvulas que se abrem e se fecham loucamente, mal desabrocha o fruto das lutas sociais. O proletariado

⁵¹ *La Battaglia*, n. 361, 21-07-1912.

⁵² "L'anarchismo in Brasile", *La Battaglia*, n. 77, 29-04-1906.

aqui não existe como consciência: existe como ventre. Um ventre que digere mal, mas isso não quer dizer nada: o dia em que se pode permitir uma comilança, tocou o céu com os dedos. [...] As revoluções sócias não se fazem nos esgotos. E este é o esgoto da humanidade [...] Aqui os anarquistas [...] fazem já muito quando, como o subscrito, mal escrevem algum artigo. Este não é o país das meias liberdades, mas das meias consciências. É o reino da vileza do movimento revolucionário."⁵³

Anos mais tarde, no *La Battaglia* chega-se à conclusão de que foi mesmo essa situação geral de apatia e de regresso sócio-cultural que eliminou também do proletariado italiano imigrado a propensão a se rebelar, ou melhor, provocando nele o nascimento de uma espécie de temor reverencial e de um sentimento de inferioridade em relação à sociedade na qual queriam inserir-se, o que ajudou o governo e os empresários na sua obra de desarticular o movimento operário.

"Nas Américas, os trabalhadores estrangeiros se consideram, diante dos indígenas, pelo simples fato de terem nascido em uma outra nação, seres inferiores [...] A reação não constrói suas forças em um dia, mas devagar estende suas redes até o dia em que suas tentativas não deram certo, e que o povo caiu em um estado de resignação e de incapacidade tal de poder sufocar logo [...] qualquer aspiração de justiça. [...] E é quanto atualmente acontece aos trabalhadores no Brasil e sobretudo aos operários estrangeiros residentes no estado de São Paulo. Eles não lutam mais para a emancipação deles, deixam a polícia fazer os mais violentos delitos contra os trabalhadores estrangeiros. [...] A indiferença do proletariado nos levou a isso: a liberdade de associação e de reunião foi suprimida. Para os trabalhadores a constituição republicana foi abolida."⁵⁴

⁵³ "Valvole di scappamento", *La Battaglia*, n. 273, 18-09-1910.

⁵⁴ "La morte sociale", *La Barricata*, n. 386, 21-02-1913.

Em 1912, já tinha sido expressa a decepção de reencontrar-se, depois de anos de propaganda frente aos trabalhadores imigrados impotentes, contrários à luta sindical e a compartilhar a teoria e a praxe anarquista, em modo de ter impedido até uma ulterior difusão das idéias revolucionárias entre o proletariado brasileiro em formação.

"Deixemos de lado o proletariado nacional, este é ainda em formação e com ele ninguém nunca pode contar. É um rebanho de eleitores a bom preço. Falta a preparação histórica, talvez também o próprio ambiente econômico com o qual possa se formar um proletariado indígena. Temos bons companheiros brasileiros, operários ou profissionais, mas, por favor, não vamos procurar o socialismo, o sindicalismo e o anarquismo nas sociedades operárias indígenas, organizadas com fins políticos, de vulgar política. O proletariado que se preocupa da própria sorte nesse país de imigrantes, embora aqui aclimatado, trouxe consigo do além-mar, junto com a bagagem dos seus trapos, todo um passado de lutas e de aspirações. E era, e é, o único que possa nos seguir e entender. Sobre a evolução dele nós contávamos para chamar à luta o proletariado indígena, destruindo todas aquelas prevenções que dividiam os produtores exóticos dos nativos. [...] Também disso nós estávamos iludidos."⁵⁵

Nas análises de *La Battaglia* costuma-se citar invariavelmente os termos "povo" e "proletariado" para indicar a classe trabalhadora brasileira não proveniente da recente imigração, e raramente é especificada a sua composição social ou étnica. O proletariado brasileiro é simplesmente o proletariado brasileiro, embora nós saibamos que ele era composto em boa parte de ex-escravos e dos seus descendentes, ainda que no estado de São Paulo eles viraram, com o passar do tempo, uma minoria dentro do proletariado de fábrica. Com certeza, todavia, não podemos afirmar que eles desapareceram de um momento para o outro, assim como à primeira

⁵⁵ "Parliamoci chiaro", *La Battaglia*, n. 361, 21-07-1912.

vista se poderia pensar lendo os artigos da imprensa operária. Ao mesmo tempo, é difícil encontrar categorias e considerações explicitamente racistas ou discriminatórias entre os militantes anarquistas.

Muitas vezes, nos artigos de *La Battaglia*, aparecem explícitas referências à população brasileira enquanto composta de negros, sem se considerar o fato de que as copiosas discussões quanto ao caráter dos brasileiros moldado por séculos de escravidão revelam implicitamente a presença de grande número de ex-escravos. Também essas referências, como aquelas em que constantemente é menosprezado o mundo brasileiro no seu complexo, sofrem de um vício de eurocentrismo e mostram as derivações positivistas do pensamento anarquista, ainda que não se possa falar de racismo ou discriminação racial nos termos em que nós somos acostumados hoje a pensar em comportamentos desse tipo.

Durante o primeiro ano de vida do jornal, por exemplo, em ocasião dos protestos dos negros brasileiros por causa da discriminação que impedia a eles de se alistarem na polícia, *La Battaglia* responde que, se tivessem continuado a fazer esses pedidos, poderiam ser considerados realmente inferiores. Ao mesmo tempo, numerosas vezes os redatores ficam indignados com o fato de que a discriminação em relação aos italianos é até maior do que aquela em relação aos negros. Por exemplo, uma correspondência de Salto de Itu descreve um episódio que aconteceu em ocasião do Primeiro de Maio de 1907, quando alguns trabalhadores em greve desencadearam um apedrejamento contra os operários que pretendiam entrar na fábrica têxtil da cidade, protestando que somente os italianos foram punidos pela agitação, enquanto os trabalhadores negros, não⁵⁶. Às vezes, quando negros são protagonistas de revoltas individuais ou de grupo nos lugares de trabalho, os episódios são usados, ao contrário, para apontar que os italianos nem são capazes dos mesmos atos de rebeldia⁵⁷.

Concluindo, no confronto entre mundo europeu e brasileiro, são postos em questão também outros aspectos culturais, como no caso das festas de rua no carnaval, que na imprensa operária, e nisso não podia

⁵⁶ *La Battaglia*, n. 137, 15-09-1907.

⁵⁷ Cfr., por exemplo, *La Battaglia*, n. 161, 22-03-1908, nos artigos relativos às fazendas.

faltar o periódico de Ristori, são ferozmente combatidas e criticadas. Interessante a esse propósito (mas também para observar estereótipos sobre negros e índios) é o testemunho posto em primeira página em 1911, escrito por uma militante.

*"Se faltassem outras provas que testemunham o parentesco entre a nossa espécie e o macaco, estes dias são mais que persuasivos [...]. E temos a coragem de rir do samba dos negros, das danças dos selvagens, e as nossas mães não nos levam nos cafés chantants [...] e depois nos enfeitam como tantas guarany e nos levam e nos empurram entre a multidão para deixar nos beliscar, como se não bastassem os beliscões que nos dão nas procissões, na igreja ou nas fábricas."*⁵⁸

À par da idéia do Brasil-reino medieval do Mundo Novo, contrapõe-se, no *La Battaglia*, um Brasil potencialmente fértil e com o futuro radiante, exatamente aquele Brasil-Eldorado da propaganda para a imigração, contra a qual os anarquistas italianos de São Paulo dedicaram todos os seus esforços. Na base há a convicção de que o Brasil seja, de qualquer forma, um ambiente virgem e que, portanto, os anarquistas não devem abater-se, mas continuar no caminho empreendido com a fundação do periódico⁵⁹. Depois das greves de 1907, notando que o movimento sindical crescia, começa a prevalecer a idéia de que o Brasil esteja aberto à difusão das idéias libertárias, até virando de ponta-cabeça a tese geral que o grupo de *La Battaglia* tinha a propósito⁶⁰. Em 1908, por exemplo, falando sobre a lei de expulsão, Cerchiai separa o juízo sobre o país do juízo sobre a população: "*O Brasil é um lindo país que contém tesouros incalculáveis, e isso nós sempre dissemos, e sempre diremos: mas o que tem a ver a beleza do país com as pessoas que ali vivem?*"⁶¹.

⁵⁸ "Carnevale. Soliloqui di una giovinetta" de Ester Mercantini, *La Battaglia*, n. 340, 03-02-1912.

⁵⁹ "Al lavoro compagni", *La Battaglia*, n. 12, 11-09-1904.

⁶⁰ *La Battaglia*, n. 135, 01-09-1907.

⁶¹ "Va fuor stranier", *La Battaglia*, n. 168, 17-05-1908.

Muito instrutivo é o artigo de Oreste Ristori, "L'Anarchia al Brasile", no qual ele pretende demonstrar - a partir das teorias expostas por Malesta, Reclus e, principalmente, Kropotkin de *A Conquista do Pão* - o quanto o Brasil detém todas as potencialidades para hospedar uma futura sociedade anarquista. Ristori, criticando os fundadores de colônias anarco-comunistas sem capital nem instrumentos de trabalho, construídas em ambientes inóspitos e com uma população heterogênea demais (a implícita projeção do fracasso da colônia Cecília me parece aqui evidente), chega, ao contrário, a sublinhar a presença de comunidades que vivem em regime anarquista em vastas terras onde o governo paulista e o federal não conseguem, voluntariamente ou não, exercitar função alguma. Ele se refere a uma visita feita a assinantes do jornal, pequenos proprietários originários da região de Mantova, que viviam entre os municípios de Cândido Rodrigues e de Boa Vista das Pedras, na fronteira do café. Ristori exalta, nesse caso, a pequena propriedade que consente a essas famílias, que possuem seus próprios instrumentos de trabalho, uma independência econômica e intelectual, demonstrada aliás por um sistema educacional comunitário baseado numa escola de tipo racionalista, nos moldes do pedagogo Ferrer.

*"A teoria tinha encontrado uma confirmação no fato. A anarquia, não só era então possível dentro de uma sociedade comunista como aquela que nós ideamos, mas se realizava espontaneamente, inconscientemente talvez, seja também em proporções reduzidas, também em pleno regime burguês."*⁶²

⁶² *La Battaglia*, n. 265, 10-07-1910. Este grupo de anarquistas se reunia em torno da figura de Luigi Crespi, e chamaram a ensinar na escola deles o colaborador do jornal Angelo Bandoni. O município de Taquaritinga, onde se situava a escola, localizado a nordeste de Araraquara, representava o caso extremo de penetração estrangeira sob a forma de comunidades de pequenos proprietários. Em Taquaritinga, num total de 352 propriedades rurais, 171 (49%), com um valor médio de 19 contos, pertenciam a italianos. Os latifundiários possuíam lá 41% das propriedades, embora com um valor médio de 64 contos. Taquaritinga, então, era uma região de pequenas propriedades em mãos de italianos com lotes dispersos entre grandes fazendas na fronteira do café. Cfr. HOLLOWAY, T.H. "Imigrantes para o café". Rio de Janeiro, 1984, p. 228.

Parte integrante da crítica à realidade brasileira e, ao mesmo tempo, devaneio de um Brasil originário, mítico, que vivia numa espécie de comunismo anarquista primitivo, consistia na exaltação dos índios, a reedição subversiva do mito do bom selvagem. Os índios, pelos redatores de *La Battaglia*, são considerados os verdadeiros brasileiros, o oposto da população local contemporânea, as únicas pessoas que sabem se rebelar à violência da oligarquia latifundiária⁶³. Podemos notar que, somente quando abordam esse tema, os anarquistas de *La Battaglia* criticam às vezes o conceito geral de progresso que sempre dava forma aos seus discursos, às suas propostas, à quase totalidade de seus artigos:

Oreste Ristori, como exemplo, afirma que a sociedade dos índios não pode ser acusada de incivilizada, porque nela não existem distinções de classe, nem de propriedade, o trabalho é reduzido, e as moradias são cômodas (ao contrário dos cortiços onde vivem os operários paulistanos), não existe a prostituição, nem o furto, e não há autoridades, nem leis, nem guerras⁶⁴. Muitas vezes, os atos de violência das tribos eram plenamente justificados, sobretudo nos artigos dedicados às denúncias das péssimas condições de trabalho nas construções da ferrovia Noroeste, na divisa entre São Paulo e Mato Grosso. No artigo "Gloria ai Bugres!", por exemplo, podemos assistir à exaltação da defesa dos seus territórios pelos Botocudo, deplorando a conquista dos territórios brasileiros feita pelos portugueses, e, naquele momento, pelo capital inglês, através de genocídios⁶⁵.

⁶³ Em "L'invasione nera", *La Battaglia*, n. 123, 26-05-1907, encontramos frases desse tipo: "O Kaingango tem muito para nos ensinar!"

⁶⁴ "Civiltà e barbante", *La Battaglia*, n. 153, 19-01-1908.

⁶⁵ *La Battaglia*, n. 213, 02-05-1909. Outros artigos, entre muitos com esse tom, estão, por exemplo, nos números 89, 12-08-1906; 150, 29-12-1907.